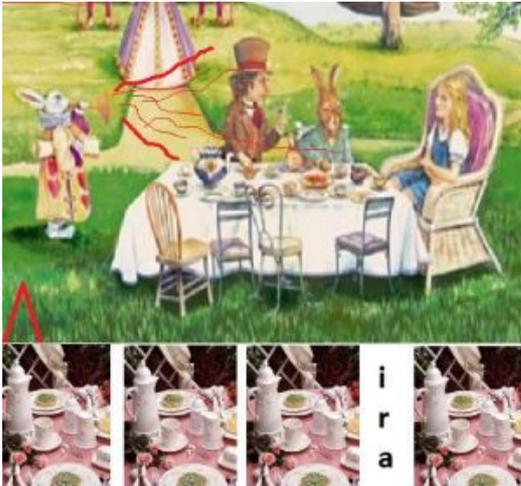


## As vinhas da ira

Eva P. Bueno \*



Quando George W. Bush assumiu o governo dos Estados Unidos em 2001, o país estava, pela primeira vez em sua história, com sua dívida externa quase zerada. Em oito anos de governo, ele conseguiu juntar uma dívida de 10 trilhões de dólares. Como tal coisa pode ser possível, em meros oito anos?

Realmente, esta é uma pergunta que muitos deste país precisam começar a perguntar-se. Ao invés disso, a julgar por alguns noticiários, o que está acontecendo é uma crescente revolta por parte da população conservadora, contra o atual presidente, Barak Obama, como se a dívida fosse culpa de seu governo.

Outra coisa que se vê aumentando neste país é a onda de pessoas se dizendo “iradas”, “com raiva”. Está na moda aqui estar com raiva, e esta moda está sendo alimentada pelas tais cadeias de televisão que estão obviamente contra o atual governo.

Basta assistir 15 minutos de um noticiário da Fox, por exemplo. Tudo, tudo, tudo que há de errado no país é

culpa pessoal de Barak Obama, de acordo com alguns dos comentaristas, que chegam à borda da irresponsabilidade. Isto, como sabemos, provoca pessoas de pouco equilíbrio mental a agirem, como se fosse em defesa própria, atacando pessoas que pertencem a grupos minoritários.

Mas uma pequena olhada na história recente, e podemos ver porque a situação econômica do país está como está e de onde vem: dos oito anos do governo republicano. Foram várias as razões para esta dívida faraônica. Certamente, manter duas guerras ao mesmo tempo, em países longínquos, não é barato. O governo de Bush também tomou medidas que visavam aumentar sua popularidade, sem pensar nos efeitos a longo prazo. Muitos citam a aprovação do plano para ajudar os idosos a pagarem pelos seus remédios, mas eu acho que este programa não é o culpado pela situação atual.

O que realmente levou o país ao ponto em que está foi que aqueles oito anos foram um período em que o capitalismo selvagem grassou sem o menor controle: banqueiros se fizeram bilionários, seguradoras de saúde aceitavam a quem queriam, negavam benefícios, faziam barbaridades. Companhias que constroem casas entraram em conluio com os bancos e deram financiamentos a gente que não tinha a menor condição de comprar uma casa. Logicamente, não podemos esquecer as companhias que mais lucraram, aquelas que azeitam a máquina de guerra e que vendem

roupas, comida, armas (defeituosas, muitas vezes). Durante o governo Bush o país conseguiu desfazer todo o esforço para eliminar a dívida externa, feito durante o governo Clinton. Não satisfeito, o governo Bush também conseguiu a inimizade e o ódio de grande parte do mundo contra os Estados Unidos.

É desta época a arrogância dos invasores do Afeganistão e do Iraque que não tinha limites. É também desta época o Karl Rove (assessor de Bush, e o articulador da sua política, o homem que mexia os cordões do boneco, junto com o Dick Cheney). No auge do poder, ele chegou a dizer que

*Agora nós somos um império, e quando nós agimos, nós criamos a nossa própria realidade. E enquanto vocês estão estudando esta realidade –cuidadosamente, lógico—nós agiremos de novo, criando novas realidades, que vocês podem estudar também, e assim é que as coisas se arranjarão. Nós somos os atores da histórias... e vocês, todos vocês, vão ter que simplesmente estudar o que nós fazemos.<sup>1</sup>*

De fato, com uma coisa temos que concordar: a realidade criada pelo governo Bush nos deu material de estudo. Mas – contradizendo Rove – não de estudo de sua vitória. O que se vê neste momento atual, pelo contrário, é um país em que a dívida contraída anteriormente, e os maus hábitos ocorridos durante o período do vale tudo, o transformaram muito rapidamente em um país que, se não tomarmos as medidas corretas, vai brevemente encontrar-se na penúria. Lembremos-nos: ainda antes das

eleições presidenciais, Bush chamou Obama and McCain a uma reunião de urgência, para explicar-lhes que, fosse quem fosse o eleito, tinham que começar imediatamente a salvação do sistema financeiro, ou o país entraria numa espiral da qual seria impossível sair. O país estava, praticamente, à beira do abismo.

Mas 13 trilhões de dólares é muito dinheiro! Logicamente, não foram gastos todos de uma vez, mas em fases. Uma delas, e que é significativa porque beneficiou um número muito pequeno de pessoas, foi o corte de impostos que o governo Bush estabeleceu nos três primeiros meses do seu governo, beneficiando especialmente os mais ricos. Só estes corte custou ao tesouro 1 trilhão de dólares nos oito anos. Lembrando mais uma vez: em benefício dos 5% mais ricos do país. Este dinheiro teria que sair de algum lugar. Considerando que as duas guerras deixadas por Bush só renderam dor e morte ao povo americano, de onde saiu o dinheiro para pagar por elas? Uma pista possível está na balança comercial do país. Em 2009, em artigo publicado em *Suite 101*, James Jackson escreve que os maiores credores dos Estados Unidos são:

- A República da China (\$739,6 bilhões)
- Japão (\$634,8 bilhões)
- Exportadores de Petróleo (OPEC) (\$186,3 bilhões)
- Centros Bancários do Caribe (\$176,6 bilhões)
- Brasil (\$133,5 bilhões)<sup>2</sup>

1

<http://original.antiwar.com/justin/2004/10/20/de-lusions-of-empire/>

<sup>2</sup> Leia mais sobre o assunto em Suite101: [The United States Debt: Twelve Trillion Dollars, and Counting](http://www.suite101.com/content/the-united-states-debt-a131895#ixzz10IIQS447)  
<http://www.suite101.com/content/the-united-states-debt-a131895#ixzz10IIQS447>

O que pode acontecer com um país que está cada dia mais endividado? No programa *Frontline*, que é feito pela PBS (*Public Broadcasting Service*), foi feita uma discussão sobre o assunto e sobre a situação em que o governo de Obama se encontra. De maneira simplificada, temos o seguinte: o governo herdou uma dívida estratosférica e um país à beira da ruína, com bancos quebrando e o Mercado de Ações em polvorosa. Para poder continuar pagando suas obrigações com o povo estadunidense – pagando as pensões do seguro social e outros programas de benefício da população (incluindo os benefícios da nova lei garantindo seguro de saúde para todo o povo) – e para continuar estimulando a economia, o governo vai ter que tomar mais dinheiro emprestado. Ou aumentar os impostos.

Os republicanos já se manifestaram sobre os impostos, inclusive a tentativa do governo Obama de eliminar o corte dado aos 5% mais ricos do país pelo governo Bush. Não admitem que se corte este benefício aos mais ricos, com a explicação que são eles que movimentam a economia. Naturalmente, estudos já foram feitos indicando que este dinheiro que os ricos não estão pagando ao governo em forma de impostos não se transformaram em trabalho, nem em oportunidade para a população em geral. Alguns destes trilionários devem ter cofres muito grandes, feito tio Patinhas. Enquanto isto, o povo vai ficando sem trabalho, as estradas estão em decadência, e os republicanos falam de desmontar o departamento de educação e eliminar todos os auxílios educacionais. Como diria Maria Antonieta: “Estão com fome? Por que não comem bolo?”

É neste momento que nasce o *Tea Party*, o Partido do Chá, uma referência

à revolta do povo de Boston contra o aumento de impostos pela metrópole inglesa. Esta revolta foi o início da guerra de libertação das colônias. Mas hoje, o *Tea Party* é uma ilustração do que disse o velho Marx: a primeira vez acontece como tragédia; a segunda, como farsa.

Os partidários do chá vêm de várias camadas da sociedade e são eles que estão botando carvão na máquina da ira. Melhor dizendo, a máquina de fazer e dizer abobrinhas. O pior é que tem gente que acredita. Pelo menos, tem gente que acredita o suficiente para votar em alguns destes candidatos que não têm um plano, não têm experiência, e muitas vezes, a única coisa que têm a dizer é que estão com raiva, “mad”. Uma das coisas que os deixa raivosos: o fato de Obama ter salvo o sistema financeiro, muito embora qualquer pessoa com um mínimo de massa cinzenta está de acordo que, se tal não tivesse sido feito, uma segunda depressão, como a do início do século XX, teria se instaurado no país.

Um pergunta permanece, neste mar de ira: Onde estavam estes raivosos quando o país estava se endividando com o mundo inteiro, enquanto continuava a festa dos biblionários? Onde estavam estes raivosos quando o governo Bush não admitia que os caixões trazendo os corpos dos soldados mortos nas guerras chegavam ao país? Onde estavam os irados quando as fotos de Abu Ghraib foram tornadas públicas e se revelaram os horrores e torturas a que os prisioneiros (muitos deles meros civis arrancados de suas casas) eram submetidos? E foram tantas as ocasiões em que o governo Bush atacou a inteligência, a paciência e a boa vontade do povo estadunidense. Acho que os chazeiros estavam tomando chá com bolinhos. Então podemos concluir que

esta “raiva”, esta “ira” nada mais é que a demonstração da extrema direita, inconformada com a eleição, primeiro, de um homem negro, e, segundo, com as medidas estruturais, de longo alcance, que o governo Obama está tentando trazer para o benefício de todo o país.

Infelizmente, neste caso o governo não pode dizer que, “enquanto os cães ladram, a caravana passa”. Neste país, que tem uma mídia onipresente (se bem que manipulada, cheia de rabos presos), muitas vezes o ladrar dos cães se torna tão alto que as pessoas de bem esquecem que existe uma caravana, e que a caravana tem um destino. A mídia reproduz as asneiras faladas pelos chazeiros, e de tanto se ouvir o falar e falar acaba parecendo que eles têm razão. Água mole em pedra dura. Nem tão dura assim.

O presidente Obama, nestas últimas semanas, está partindo para a ofensiva e fazendo o que ele chama de “conversas de fundo de quintal”, em várias partes do país, buscando energizar a base democrática para lutar contra estas forças que, se deixadas à vontade, vão significar a perda da maioria democrata no congresso. Se as coisas têm sido difíceis de conseguir com uma maioria democrata, se os republicanos tomarem a maioria, então vai ser ainda mais difícil para Obama conseguir avançar sua agenda de reformas que visam trazer estabilidade financeira e atendimento ao povo mais necessitado.

Teve grande repercussão aqui um bate-papo do presidente com um grupo de pessoas, e entre elas uma mulher negra, veterana militar. Ela disse que está cansada de “defender” o presidente e que espera ver o resultado das muitas coisas que ele prometeu. De fato, a “mudança” que ele prometeu não pôde ser alcançada ainda. Primeiro, porque certas mudanças, nas melhores das hipóteses, não se fazem de um dia para o outro. Segundo, porque nós estamos vivendo um tempo das piores das hipóteses. Manter o país em movimento, conseguir acalmar o mercado de ações, já é uma tarefa incrivelmente complicada (e, sem mencionarmos o preço em dinheiro e em cansaço físico e mental para se manter uma guerra e uma ocupação em dois países). Mas, embora os chazeiros gostem de esquecer-se disto (e realmente não lhes importa), o governo Obama já iniciou obras de infraestrutura em todo o país, e estas obras providenciaram empregos para milhares de pessoas.

Infelizmente, como fica claro pelos decibéis dos chazeiros, se você gritar bem alto, e repetidas vezes, as pessoas vão acabar não vendo o que está bem diante do seu nariz, e vão esquecer-se de seus próprios interesses e do interesse do país.

E as vinhas da ira só produzirão um amargo veneno, e caos. Bem dizem os tailandeses que “aquele que se enraivece fácil, demonstra ter um espírito inferior.”



\* EVA PAULINO BUENO é Professora de Espanhol e Português, Literaturas Latino-americanas, Brasileira e Norte-americana.